

AS CONTRIBUIÇÕES DOS ENSINAMENTOS DE LEONARD BLOOMFIELD PARA A LINGUÍSTICA

Jônatas Gomes Duarte (UFT)

jonatas@uft.edu.br

Sebastião Elias Milani (UFG)

Maria José de Pinho (UFT)

1. Introdução

Este artigo tem a finalidade de demonstrar a relevância dos ensinamentos da teoria descritiva de Leonard Bloomfield para a linguística estruturalista norte-americana. A pesquisa seguiu os pressupostos teóricos e metodológicos da historiografia linguística, cujos principais objetivos são: descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento linguístico em um determinado contexto social e cultural, através do tempo.

Leonard Bloomfield (1887-1949) estudou na Universidade de Harvard e se formou em 1906, seu doutorado foi pela Universidade de Chicago, recebeu o título de doutor em 1909. É reconhecido como grande expoente da linguística estruturalista norte-americana. Desenvolveu pesquisas em vários idiomas, e trabalhou no agrupamento dos idiomas nativos americanos. Foi membro fundador da Sociedade Linguística da América, em 1924. Seus principais livros foram: *An introduction to the study of language* (1914) e *Laguage* (1933).

Segundo Passos (2004), nas obras bloomfieldianas são abordadas as seguintes temáticas: A história dos estudos linguísticos desde a antiguidade; a gramática da Índia que se baseou na descrição do sânscrito (sendo este o primeiro grande trabalho desse tipo que surgiu na Europa e permitiu o estudo comparativo das línguas); a base teórica do autor que é fundamentada na concepção fisicalista e behaviorista que a linguagem possui na vida dos falantes e ouvintes; a linguística descritiva e sincrônica, com seus principais tópicos, a fonologia, o significado, a gramática, a sintaxe e a morfologia; a linguística histórica e comparativa; estudos sobre a dialetologia.

A obra bloomfieldiana marcou o início do descritivismo nos Estados Unidos, pois foi considerada a mais grandiosa da linguística do século, nas décadas seguintes à sua publicação. Contudo, os métodos bloom-

fieldianos elencados fizeram com que fosse considerada a existência de uma linguística pós-bloomfieldiana nos Estados Unidos.

A influência desse, que foi chamado “o maior livro de linguística publicado em nosso século, deste ou do outro lado do atlântico”, foi tal que podemos considerar bloomfieldiana, ou pós-bloomfieldiana, a linguística americana dos trinta anos seguintes a 1925 (LEPSCHY, 1975, p. 88).

No começo de sua vida acadêmica foi diretamente influenciado pelo Behaviorismo, uma corrente teórica da psicológica que se baseia no estudo do comportamento. Suas ideias foram fundamentadas pela aproximação do significado com os princípios behavioristas. Um teórico que influenciou diretamente Leonard Bloomfield foi Wilhelm Wundt (1832-1920), que se baseou na psicologia para descrever a fala humana: “Wundt baseou sua psicologia do discurso sobre toda e qualquer descrição acessível da língua”. (BLOOMFIELD, 1933, p. 18, tradução nossa).

A decisão por optar pelo behaviorismo foi uma tentativa que Bloomfield fez para seguir a escola teórica daquele momento que desenvolveu teorias científicas sobre o estudo comportamental do universo. Essa posição foi defendida por Harris:

É possível, é claro, estudar o discurso como o comportamento humano, para gravar os movimentos fisiológicos que estão envolvidos na articulação, ou a situação cultural e interpessoal em que o discurso ocorre, ou as ondas sonoras que resultam da atividade de falar, ou as impressões auditiva adquirida pelo ouvinte. Poderíamos tentar regularidades na descrição de cada um desses corpos de dados. (HARRIS, 1951, p. 4, tradução nossa).

Segundo Bloomfield (1933), somente a partir no século XIX surgiu teorias linguísticas que foram reconhecidas como sendo científicas, isso ocorreu por causa do desenvolvimento do método descritivista que buscava características gerais da língua: “Somente no século passado ou a partir daí que a linguagem tem sido estudada de forma científica, pela observação cuidadosa e abrangente.” (BLOOMFIELD, 1933, p. 3, tradução nossa).

De acordo com Hall (1970), na teoria bloomfieldiana a linguística apresenta uma determinada orientação metodológica, ao contrário dos linguistas contemporâneos de Bloomfield, pois mesmo que se tenham esforçado para aprimorar um método de descrição sincrônica, não tiveram êxito na formulação de um método mais claro e completo. “Bloomfield foi o primeiro a demonstrar a possibilidade e exemplificar por meio de uma abordagem científica unificada para todos os aspectos da análise

linguística: fonética, morfologia, sintática; sincrônica e diacrônica” (HALL, 1970, p. 549).

Leonard Bloomfield foi responsável pela formação de muitas gerações de pesquisadores da linguagem não apenas nos Estados Unidos da América, mas também, em todos os principais centros de pesquisa linguística da contemporaneidade. No entanto, apesar da importância de suas ideias, e do longo alcance da sua perspicaz concepção, Bloomfield não encontrou entre os brasileiros até então quem lhe fizesse justiça, realizando a tradução de suas obras para o português, concedendo assim, o destaque que lhe faz jus.

2. Metodologia

O trabalho desenvolvido se define como um estudo de historiografia linguística, compreendida como uma estratégia metodológica que consiste na abordagem de técnicas apropriadas, e em situações específicas. Portanto, o trabalho teórico está vinculado aos pressupostos da historiografia linguística, pois visou descrever e analisar como Leonard Bloomfield desenvolveu seu pensamento acerca dos estudos da língua e da linguagem, mostrando como aplicou teorias linguísticas tanto concernentes a sua época quanto pertencentes há um tempo anterior ao seu.

Em qualquer obra a historiografia linguística é composta pelos pressupostos da interdisciplinaridade, por meio de uma visão holística. Sendo assim, filia-se a sete regiões do conhecimento: a história, a literatura, as artes, a sociologia, a filologia, a psicologia e a filosofia. Tomando por empréstimo de todas as áreas algo técnico para promover uma revisão do documento. (MILANI, 2011). A historiografia linguística, “se interessa pelas mínimas e ínfimas historinhas, ela se interessa em juntar a ação dos grandes pensamentos com esses substratos sociológicos e intelectuais” (MILANI, 2011, p. 15).

Segundo Milani (2011), deve-se seguir algumas etapas para desenvolver um trabalho historiográfico linguístico. As etapas indicadas quando o objeto for um indivíduo/autor/obra completa, como o proposto neste artigo são as seguintes:

- 1º estabelecer uma biografia básica, vinculada à área temática pesquisada;
- 2º estabelecer os conceitos básicos produzidos, numa síntese precisa;
- 3º vincular os fatos da vida pessoal e científica/acadêmica e conceitos às instituições e às pessoas a ele relacionadas;
- 4º verificar fontes preceptoras e fontes escritas;
- 5º mapear os conceitos das fontes;
- 6º descrever os métodos ou o método;
- 7º

vincular o método às ciências com suas respectivas fontes; 8º verificar o traço diferenciador do método do autor; 9º mostrar a contribuição de seu método para os conceitos e 10º relatar os avanços da obra (MILANI, 2011, p. 33).

Ao sugerir um texto como objeto de estudo historiográfico, o linguista acaba escolhendo também o conteúdo de um determinado contexto histórico e sociocultural de uma época ou lugar. Neste caso a função do historiógrafo linguista será: “(...) compreender esse texto como refração das fontes formadoras, da prática cultural e da ordem de coisas presentes no contexto do texto-discurso”. (MILANI, 2011, p. 10).

3. A influência saussuriana em Bloomfield

O desenvolvimento das teorias estruturalistas foi o grande marco para a consolidação e o aumento das pesquisas relacionadas à linguística contemporânea. Os linguistas que pertenciam a este movimento, tanto os europeus quanto os norte-americanos, foram importantíssimos neste processo.

Segundo Passos (2004), Saussure, na Europa, e Bloomfield, nos Estados Unidos, são considerados os grandes expoentes da ciência da língua e da linguagem, que suscitaram os grandes mentores da linguística do século XX, isso ocorreu por causa de suas obras e devido às relevâncias de suas ideias. Deve-se a ambos a formação das escolas mais importantes da linguística moderna. No entanto, enquanto as ideias de Saussure receberam entre os estudiosos brasileiros uma imediata acolhida e aceitação, as relevantes contribuições de Bloomfield não receberam o mesmo tratamento, haja vista que até hoje não houve uma única tradução de suas obras para a língua portuguesa, ficando, desse modo, desconhecido para aqueles que não dominam a língua inglesa.

Bloomfield veio da Escola neogramática da linguística. Isso significa que ele se concentrou sobre os aspectos históricos e a evolução das línguas. Ele estudou línguas específicas, a sua história e como as palavras são geradas. Bloomfield e Saussure ambos estudaram a língua como uma estrutura e com uma base científica. A principal diferença é que Bloomfield estudou a linguística diacrônica: o seu desenvolvimento histórico e comparativo. Saussure estudou a língua sincronicamente: ele fez a comparação entre linguagem e o jogo de xadrez. Não há necessidade de saber que a história se movimenta, ou seja, você pode entender o sistema só de olhar para o tabuleiro a qualquer momento. Este é o estudo sincrônico da linguagem.

Outra diferença marcante é que Bloomfield nunca sugeriu que era possível descrever a sintaxe e a fonologia de uma língua em total ignorância do significado das palavras e frases. Sua visão era incompleta, pois ele estudou parte do sistema e não o todo. Em contraste, Saussure estudou a língua como um sistema, incluindo todos os seus aspectos. Ele considerou que o sistema possui três propriedades:

1. Integridade, desde que o sistema funcione como um todo.
2. Transformação, o sistema não é estático, pois é capaz de mudar.
3. Autorregulação, está relacionado com o fato de que os novos elementos podem ser adicionados ao sistema, mas a estrutura básica dele não pode ser alterada.

Bertucci (2008) destaca que Bloomfield, de maneira particular, aplicou nos Estados Unidos a teoria estruturalista saussuriana⁴, privilegiando por sua vez, a descrição das leis do sistema linguístico, herdando do linguista europeu o “fazer linguístico sincrônico”. Fato é que inúmeros conceitos, conhecidos em linguística, foram inaugurados e utilizados pelos estruturalistas, dentre os de maior destaque estão o de estrutura e sistema.

Apesar dessa verossimilhança, nota-se diferença conceitual significativa entre o estruturalismo orientado por Saussure na Europa e o americano defendido por Bloomfield, nos Estados Unidos. A terminologia *estrutura*, entendida como sistema, é característica defendida pelo estruturalismo europeu, enquanto o estruturalismo sobre orientação bloomfieldiana defende a ideia de distribuição de elementos, mediante a capacidade de associação ou substituição.

4. A teoria estruturalista bloomfieldiana

Para entender a teoria estruturalista Bloomfieldiana, é importante anotar que o estruturalismo norte-americano teve como precursor Franz Boas, formado pela escola de neogramáticos europeus, especialista em línguas ameríndias, autor do *Handbook of American Indian languages*, obra particularmente importante para a linguística descritiva (LEPSCHY, 1975, p. 79). Logo, nota-se que a teoria estruturalista foi condicionada pela análise descritiva das centenas de línguas ameríndias no final do século XIX.

Lepschy (1975) salienta que foi a partir da segunda década do referido século, também alavancada pelo progresso das telecomunicações, que a linguística estruturalista nos Estados Unidos ganha força, período em que os autores se esmeraram no cuidado em descrever as línguas sincronicamente, buscando atender às exigências requeridas para a compreensão das línguas ameríndias e ao ensino e aprendizagem das línguas desconhecidas.

Nesse contexto, destaca-se o trabalho do Edward Sapir, discípulo de Boas e autor de *Language* (1921). A exemplo de Saussure, Sapir fez ressalvas ao caráter da linguagem como modelo geral, fundamentando, portanto, o alicerce e/ou o caminho da linguística estrutural americana. Todavia, ao falar do fato linguístico e/ou da estrutura de uma língua ele foi cauteloso. Provavelmente, o conhecimento por ele adquirido nas diversas áreas o tenham impedido de enveredar por uma definição simplista da estrutura (BERTUCCI, 2008).

Lepschy (1975) endossa essa afirmativa quando expressa que foi a partir de 1920 que a linguística da Europa desenvolveu características específicas em relação àquela desenvolvida nos Estados Unidos, quando se delineou uma direção estruturalista firmada nas concepções de Sapir e de Bloomfield. Lepschy reitera que apesar desse primeiro linguista diferir do último quanto à metodologia, visto que Sapir não considera necessário indicar métodos rigorosos e objetivos, mecanicamente aplicáveis para controle e verificação de afirmativas, inclusive, criticando severamente aqueles que solucionam problemas da ciência utilizando-se do rigor naturalista do método científico, ambas as correntes se indicam, tendo métodos oriundos da psicologia mentalista (de Sapir) e comportamentista (de Bloomfield).

Todavia, importa notar que tanto Bloomfield quanto Sapir pretenderam reconstruir as civilizações primitivas, cujas estruturas linguísticas consideravam indissociáveis do contexto social e cultural em que se haviam originado. E, embora Sapir tenha se oposto às concepções materialistas de Bloomfield, foi de igual modo influenciado pelas teorias sociológicas advindas da Europa, uma vez que para ambos a língua constituiu uma herança cultural (LEROY, 1971).

Bloomfield, embora tenha recebido de Boas e Sapir a influência de um estudo voltado especialmente para as línguas ameríndias, reconhecido e valorizado os estudos históricos da linguagem, teceu críticas ao caráter psicológico, mentalista e pseudoexplicativo de tais estudos, propon-

do que se substitua esse processo pela “generalização indutiva, com base no estudo descritivo da linguagem” (LYONS, 1987, p. 62).

Influenciado pelo Behaviorismo das ciências naturais, o linguista americano adota nova perspectiva para obter o máximo rigor científico no estudo da linguagem – mediante a utilização da teoria behaviorista em sua análise linguística – e define o uso da linguagem mediante a concepção materialista (mecanicista e não dialética) e comportamentista (em termos de estímulo e reação), em que a língua pode ser analisada como um sistema, cujos elementos se organizam por certo comportamento geral. Para ele: “o comportamento não é considerado uma doutrina psicológica particular, mas é identificado com o método científico *tout cour*” (LEPSCHY, 1975, p. 92).

Essa necessidade de encontrar princípios metodológicos apropriados para a análise das línguas ameríndias, em sua maioria ágrafas e desconhecidas, levou Bloomfield a desenvolver enfoque antropológico e etnológico em seus estudos, dando origem ao descritivismo bloomfieldiano, cuja orientação ao linguista é proceder, mediante uma posição empirista e positivista em relação ao fato observado, uma pesquisa *verdadeiramente* científica (BERTUCCI, 2008).

Harris (1951) afirma que essa prerrogativa precisa leva em conta o fato de que linguística descritiva deve ter como universo de trabalho, uma língua, especificamente, logo, ela não configura a busca por prover uma descrição única para todas as línguas, visto que em uma mesma língua podem existir dialetos que tenham regularidades diferentes entre os elementos.

Ao comentar o caráter mecanicista e comportamentista do descritivismo bloomfieldiano, Leroy (1971, p. 157) comenta:

Bloomfield não deixou de chocar muitos de seus compatriotas ao defender uma teoria do tipo claramente materialista - deixando à parte a consciência que é inacessível, ele explica o mecanismo da comunicação pelo jogo de estímulo e reações.

Essa concepção mecanicista do comportamentismo (behaviorismo) se resume em termos de estímulo e resposta e é feito através do esquema S-r-s-R, no qual “um estímulo externo (S) leva alguém a falar (r), esta resposta linguística do locutor constitui para o ouvinte um estímulo linguístico (s) que provoca uma resposta prática (S)”. (LEPSCHY, 1975, p. 89). S e R são, portanto, “eventos práticos” que pertencem ao mundo extralinguístico. Diante desta prerrogativa, Bloomfield acredita, em aná-

lise geral, que tanto a divisão do trabalho quanto todo o funcionamento da sociedade humana se efetua em detrimento da linguagem.

Bertucci (2008, p. 74) afirma que, para Bloomfield:

A teoria mentalística baseia-se no espírito (ou na mente). O espírito é quem decidirá a resposta ao estímulo. A teoria mecanicista, afirmará Bloomfield, diz a variabilidade da conduta humana (inclusive a fala) acontece graças à complexidade do corpo humano. As ações humanas são partes das “sequências” de causa e efeito, como na física ou na química. Mas, pela complexidade, o corpo humano é uma estrutura mutável. E o sistema nervoso é o responsável pela mutação: causa-efeito versus estímulo-resposta. É por isso que não é possível saber que resposta um ouvinte dará a um estímulo.

A solução mecanicista escolhida pelo linguista se justifica quando se considera que o sistema nervoso é o responsável pelo funcionamento da linguagem e por ser um “mecanismo de gatilho” permite a execução de ações complicadas após um estímulo aparentemente negligenciável, a exemplo das minúsculas percussões das ondas sonoras na membrana do tímpano. Embora pareça esta colocação ao extremo comportamentista, Lepschy (1975) aponta que Bloomfield a propõe por considerá-la coerente com o universo, sendo esta teoria mentalista considerada adequada e em alguns casos, a única possível para se elucidar questões a serem encaradas pelo linguista, na atualidade, inclusive.

A partir da década de 1950, a busca descritivista pelas regularidades na língua conduziu seguidores da escola bloomfieldiana a lançarem manuais e livros que divulgavam as ideias do descritivismo. Dentre os autores, destacam-se Gleason (1978) e Harris (1951). O primeiro lança um manual de linguística descritiva que elucida a importância da linguagem no estudo de outras disciplinas, defendendo que a linguagem se liga intimamente aos problemas humanos e sobre eles exerce influência tão profunda que a compreensão dos mecanismos a ela adjacentes são fundamentais, uma vez que podem contribuir para a resolução de situações inusitadas. Bertucci (2008) afirma que este convincente discurso atraiu muitas pessoas e influenciou na inserção da linguística descritiva no currículo de diversas universidades americanas.

Harris (1951) destaca que, na linguística descritiva, as falas (*utterances*) do *corpus* de uma língua em análise devem ser capazes de mostrar a regularidade de todas as falas da língua. Neste aspecto, Bertucci (2008, p. 76) comenta:

Para os descritivistas, um *corpus* de análise bem definido pode mostrar não só as regularidades da língua para aquelas falas escolhidas, mas é uma

amostragem da língua como um todo. Assim, as regularidades do *corpus* são as regularidades da língua e a distribuição dos elementos nas frases do *corpus* será a mesma para aquelas que estão fora dele. Em outras palavras, escolher algumas falas não é manipular a análise ou não dar conta das falas não analisadas. Essa é a questão da previsão, que decorre do método dedutivista.

Desse modo, esse autor sustenta que se os elementos da língua - fonológicos e morfológicos – forem definidos pelo linguista, será possível representar a língua por meio da descrição das regularidades e das relações que existem entre os elementos definidos, podendo este trabalho minucioso. Conforme Gleason (1978) gerar uma gramática descritiva (e não prescritiva), caso o linguista consiga uma generalização adequada e a partir do corpus pesquisado, delinee regras da língua estudada.

Uma gramática descritiva adequada proporciona uma descrição para qualquer frase da língua. Esta descrição é uma seleção de regras que, quando bem combinadas, definem um esquema básico que se pode considerar exemplificando por uma frase dada (GLEASON, 1978, p. 214).

Em seus estudos Bloomfield (1933) privilegia o estudo da fala (observação normal da fala), dos sons da língua. O fonema é por ele considerado parte da língua conectada com o significado e essencial para a comunicação e defende ser eles que possibilitam identificar a distribuição dos elementos da língua. Ele acredita que os dialetos de uma língua, embora possam apresentar uma distribuição diferente dos elementos da fala, a escrita vai se mostrar igual. Em razão desta constatação, ele sustenta que o estudo da escrita é indispensável, devendo ser o mesmo feito por outras abordagens, a exemplo da literatura.

Todavia, vale ressaltar que Bloomfield exclui de suas considerações, quase completamente, alusões à significação ou à semântica. Ele remeteu o estudo do significado às várias ciências particulares, reservando à linguística apenas a definição rigorosa dos significados “gramaticais” (LEPSCHY, 1975, p. 133).

Bertucci (2008, p. 77) assinala que sobre significado de uma forma linguística (*meaning*), Bloomfield aconselha:

O pesquisador deve defini-lo como a situação em que o falante pronuncia algo e o ouvinte responde. Em outras palavras, deve ser entendido a partir da visão behaviorista do estímulo-resposta. Mas ele faz uma ressalva: os significados dados pelas diversas ciências aos seus objetos são variados e imprecisos.

De acordo com Bloomfield "o significado é, portanto, o ponto fraco do estudo da língua, e permanecerá assim até que o conhecimento

humano avance para além do seu estado atual." (BLOOMFIELD, 1933, p. 140, tradução nossa).

Essa afirmação Bloomfieldiana é motivo de críticas da parte de Benveniste (1988), pois este considera que tanto Bloomfield quanto Harris não consideraram a questão do significado em seus estudos, o que contraria, segundo ele, a própria teoria descritiva, visto que toda descrição deve supor que o objeto tenha um significado e é isso que faz com que a estrutura funcione numa língua.

No entanto, Bloomfield (1933) rebate críticas ao afirmar que é função de outras ciências o estudo do *significado* e não da linguística e reitera sua afirmação ao considerar a limitação a que o linguista é exposto, devido ao próprio desconhecimento humano. No entanto, nota-se que ele não nega a existência do significado, mas a possibilidade de conhecê-lo. Deste modo, ele reconhece a limitação do linguista da época: "Embora o linguista não pode ir longe em direção a explicação de coisas práticas, ele tem a tarefa de classificar formas linguísticas onde seu significado tem sido determinado por alguma outra ciência." (BLOOMFIELD, 1933, p. 508, tradução nossa).

5. As contribuições bloomfieldiana para a linguística

Leonard Bloomfield estabeleceu a escola de pensamento que veio a ser conhecida como linguística estruturalista norte-americana, que dominou o campo da linguística até o surgimento da gramática gerativa em 1960.

Bloomfield repudiou à existência de todas as construções mentalistas e também a visão clássica de que a estrutura da língua reflete a estrutura do pensamento. Para ele, a estrutura da linguagem foi o objeto central de estudo linguístico e, portanto, da ciência cognitiva. Bloomfield ensinou que toda a estrutura linguística poderia ser determinada pela aplicação de procedimentos analíticos, iniciando com as menores unidades que combinam som (características vocais) e significado (características de estímulo e reação), chamado morfemas (BLOOMFIELD, 1926, p. 130).

Bloomfield mostrou como identificar morfemas, e logo em seguida passou a mostrar como identificar as unidades menores (isto é, os fonemas, definidas como unidades mínimas de características vocais distintas) e outras maiores (palavras, frases e sentenças). Bloomfield desenvol-

veu ricas teorias de morfologia e sintaxe. Em morfologia, Bloomfield prestou atenção especial ao cuidado das alternâncias fonológicas de vários tipos, que levaram ao desenvolvimento da teoria moderna da morfofonêmica (BLOOMFIELD, 1939).

Na sintaxe, ele estabeleceu as bases da teoria da estrutura constituinte, incluindo os fundamentos da XBAR2 TEORIA. (BLOOMFIELD, 1933, p. 194-195). Bloomfield gerou tanto entusiasmo com a análise sintática que os seus alunos pensaram que estavam fazendo sintaxe, pela primeira vez na história da linguística (HOCKETT, 1968, p. 31). Bloomfield não desenvolveu sua teoria da semântica do mesmo modo que fez com suas teorias da fonologia, morfologia e da sintaxe, contentando-se principalmente com a nomeação das contribuições semânticas de vários tipos de unidades linguísticas.

Por exemplo, ele chamou as propriedades semânticas dos morfemas de “sememas”, as formas gramaticais de “episememes” (BLOOMFIELD, 1933, p. 62-166). Bloomfield sustentou que, enquanto as propriedades fonológicas de morfemas são analisáveis – em partes (ou seja, fonemas), sememas são inalisáveis: “Não há nada na estrutura de morfemas como lobo, raposa, cachorro e para nos dizer a relação entre os seus significados, isto é um problema para o zoólogo.” (BLOOMFIELD, 1933, p. 162, tradução nossa). Entretanto no final da época áurea da linguística estruturalista norte-americana, essa visão foi repudiada, (GOODENOUGH, 1956; LOUNSBURY, 1956) e a afirmação de que existem unidades submorfêmicas de significado foi incorporado pelas primeiras teorias da gramática gerativa. (KATZ & FODOR, 1963). Bloomfield estava ciente de que para uma teoria behaviorista de significado, como a sua, ser bem sucedida, ele teria que explicar as propriedades semânticas das formas linguísticas, como o palavras em inglês “not” e “and”, e também estava ciente da dificuldade desta tarefa. Sua tentativa de definir a palavra “not” é particularmente reveladora. Depois de defini-la como “o inibidor da linguística na nossa comunidade de fala”, ele escreveu: “O enunciado, em uma frase, da palavra “not” produz uma frase que a resposta simultânea para ambas as frases e a frase paralela sem o “not” não pode ser feita”. (BLOOMFIELD, 1935, p. 312, tradução nossa).

Em suma, Bloomfield estava tentando reduzir a lei lógica da contradição com uma declaração sobre possíveis pares de estímulo-resposta. No entanto, essa redução não é possível. Nenhuma teoria semântica que contém a lei da contradição como um de seus princípios é expresso em termos comportamentais. Contudo, a linguística estruturalista norte-ame-

ricana falhou não foi por causa das suas insuficiências na fonologia, morfologia e sintaxe, mas porque o behaviorismo não fornece uma base adequada para o desenvolvimento de uma teoria semântica para as línguas naturais.

6. Considerações finais

Este estudo teve a finalidade de demonstrar a relevância dos ensinamentos da teoria descritiva de Leonard Bloomfield para a linguística estruturalista norte-americana, mediante a apresentação das características gerais do estruturalismo apreçoado pelo linguista, denominado descritivismo. Enfocando as contribuições dos estudiosos da área da linguagem para o progresso dos estudos linguísticos, contribuições estas que tornaram a linguística uma ciência com um método definido, permitindo assim os avanços e a ampliação dos estudos linguísticos na contemporaneidade.

Para Bloomfield, o reconhecimento da linguística como ciência está diretamente ligado a utilização de seus métodos para observar e descrever o comportamento dos elementos de uma língua. Conforme Lepshy (1975) este método de análise foi o principal objeto de pesquisa da teoria neobloomfieldiana ou distribucionalistas, estando entre os estudiosos mais importantes: Bernard Bloch, George L. Trager, Robert Anderson Hall e Zellig S. Harris.

A preocupação com a descrição das línguas se faz presente desde início do século XIX, período em que a linguística histórica buscou classificar as línguas do mundo de acordo com suas afiliações, mediante a descrição do desenvolvimento histórico das mesmas. Este processo induziu à criação de teorias e análises de várias vertentes da linguística. Foi a partir destes desdobramentos que surgiu a linguística estrutural, tendo Ferdinand de Saussure como precursor na Europa e Leonard Bloomfield como um dos pioneiros nos Estados Unidos (BIZZOCCHI, 2006).

Um dos fatores que levou Leonard Bloomfield a optar pela abordagem descritiva foi uma reação crítica ao ensino prescritivo nas escolas tradicionais e a rejeição às variantes por estas instituições; uma forma encontrada por ele de defender as variantes da língua como parte da língua e não uma língua errada ou estranha.

Diante do exposto, constatou-se que o estruturalismo de Leonard Bloomfield é eminentemente analítico e descritivo, centrado no estudo da

morfologia e da sintaxe. Em razão disso, na atualidade, Bloomfield é considerado o linguista que mais profundamente marcou a linguística dos Estados Unidos. A vasta literatura de linguística geral, metodologia ou assuntos especializados, por ele elaborados, influenciaram sobremaneira a linguística norte-americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. 4. ed. Trad.: Maria da Glória Novak e Maria Luiza Néri. Campinas: Pontes, 1988.

BERTUCCI, R. A. O positivismo na teoria descritivista de Bloomfield. *Publicações UEPG: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes*. Ponta Grossa, vol. 16, n. 1, p. 67-82, jun. 2008. Disponível em:

<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/view/620/608>>.

Acesso em: 20-06-2011.

BIZZOCCHI, A. Fantástico mundo da linguagem. *Revista Ciência Hoje*. vol. 28, n. 164, setembro de 2006, p. 38-45.

BLOOMFIELD, L. A set of postulates for the science of language. *Language*, n. 2, p. 153-164. Reprinted in Hockett, 1970, p. 128-138.

_____. *Language*. New York: Henry Holt, 1933.

_____. Linguistic aspects of science. *Philosophy of Science*, n. 2, p. 499-517, 1935. Reprinted in Hockett, 1970, p. 307-321.

_____. Menomini morphophonemics. *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, n. 8, p. 105-115, 1939. Reprinted in Hockett, 1970, p. 351-362.

BORBA, F. S. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas: Pontes, 1991.

COMTE, A. *Curso de filosofia positiva*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1987. Coleção “Os pensadores” v. 33.

GOODENOUGH, W. Componential analysis and the study of meaning. *Language*, n. 32, p. 195-216, 1956.

GLEASON, H. A. *Introdução à linguística descritiva*. Trad.: João Pinheiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

- HALL, R. A, Jr. In memoriam Leonard Bloomfield. In: HOCKETT, C. F. (Ed.). *A Leonard Bloomfield anthology*. Bloomington: Indiana University Press; 1970, p. 547-553.
- HARRIS, Z. S. *Structural linguistics*. Chicago: Phoenix Book (The University of Chicago Press), 1951.
- HOCKETT, C. F. *The State of the Art*. The Hague: Mouton, 1968.
- LEPSCHY, G. C. *A linguística estrutural*. 2. ed. Trad.: Nites Therezinha Feres. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LEROY, M. *As grandes correntes da linguística moderna*. 2. ed. Trad.: Isidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.
- KATZ, J. J.; FODOR, J. F. The structure of a semantic theory. *Language* n. 39, p. 170- 210, 1963.
- LOUNSBURY, F. A semantic analysis of Pawnee kinship usage. *Language*, n. 32, p. 158-194, 1956.
- LYONS, J. *Linguagem e linguística*. Trad.: Marilda W. Averbug e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MILANI, S. E. *Historiografia linguística de Ferdinand de Saussure*. Coleção Grupo Imago, nº 1. Goiânia: Kelps, 2011.
- PASSOS, M. L. R. F. *Bloomfield e Skinner: língua e comportamento verbal*. Rio de Janeiro: NAU, 2004.